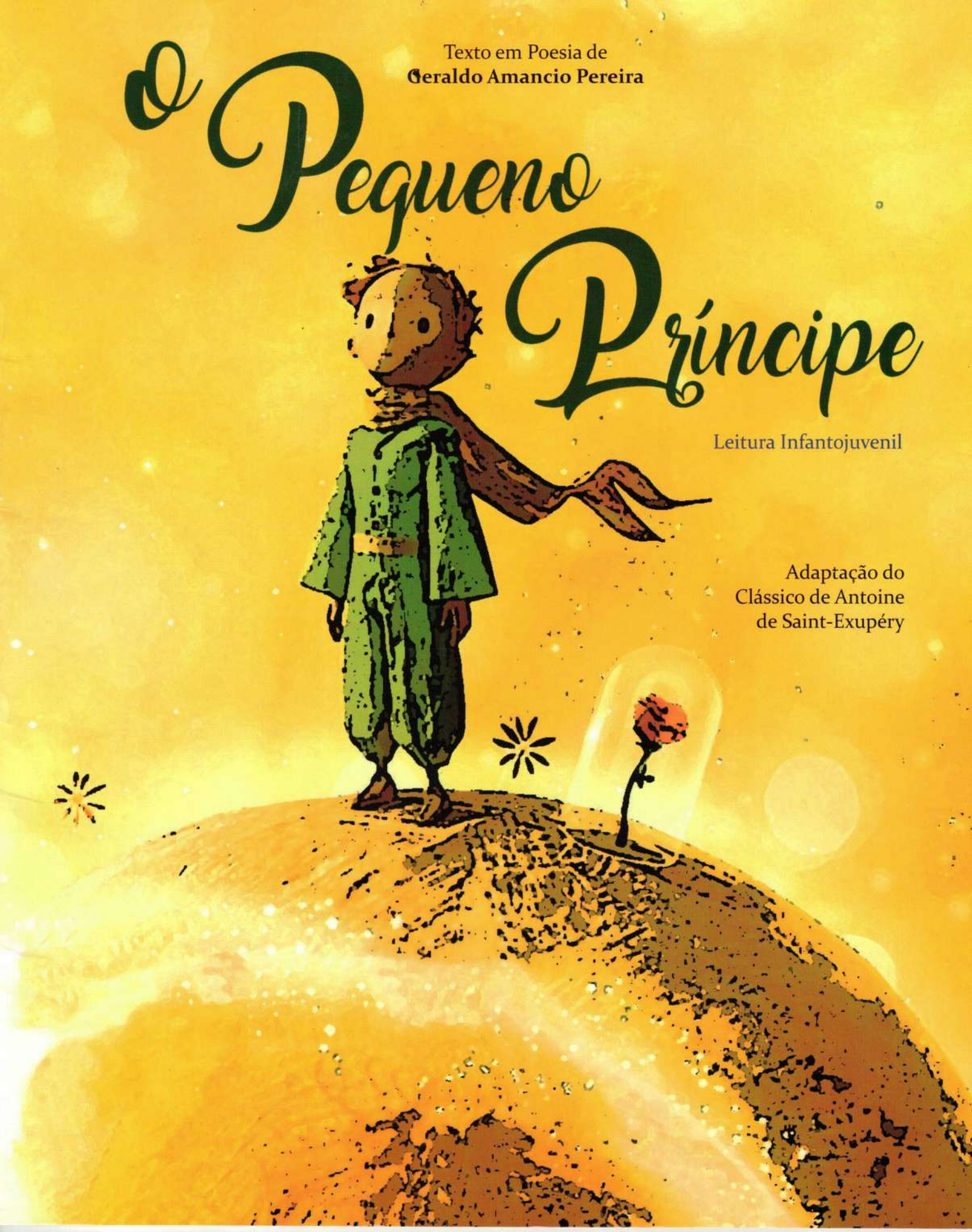
Texto em Poesia de
Geraldo Amancio Pereira

O Pequeno Príncipe

Leitura Infantojuvenil

Adaptação do
Clássico de Antoine
de Saint-Exupéry



Texto em Poesia de
Geraldo Amancio Pereira

O Pequeno Príncipe

Leitura Infantojuvenil

Adaptação do
Clássico de Antoine
de Saint-Exupéry

Fortaleza - Ceará
2018
PREMIUS EDITORA

Copyright © 2018 Geraldo Amancio

Editoração Eletrônica Ricardo Aquino
Revisão Rejane Costa Barros

Rua Manuelito Moreira, 55 – Benfica
CEP 60025-210 - Fortaleza-CE
Fone: (85) 3214.8181
comercial@premiuseditora.com.br
www.premiuseditora.com.br

Filiada à

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na fonte (CIP)

A484p

Amancio, Geraldo
O Pequeno Príncipe / Geraldo Amancio.
- Fortaleza: Premius Gráfica e Editora, 2018.

28 p.; 210 x 260 mm; tiragem 1.000

ISBN 978-85-538-0054-4

1. Literatura Infantil I. Título

CDD 028.5

Apresentação

O desvendar do sonho através da poesia

A poesia é quem escolhe quem dela possa fazer uso e ser seu amigo. O mundo precisa de novidades, de estar inserido no contexto amplo do belo e do encantado quando nos entregamos por completo, quando saltamos as palavras para além de nossos passos. Estamos fartos da convivência pequena e dos pensamentos vazios. Devemos ter múltiplas ideias e nos arriscar na amplidão das descobertas, e delas, aproveitarmos a essência, a viscosidade, a iluminura.

A vida é uma aventura fascinante para os que sabem compreendê-la e desfrutar de seus mistérios. Geraldo Amancio entende bem desse ofício. Sua alma é uma oficina de fazer encantos. Poeta, repentista, escritor, palestrante e Mestre da Cultura, foi talhado pelo destino para disseminar o sentimento da amizade e espalhar-se pela vida ensinando a arte de fazer o bem. Ele mal se apercebe da dimensão de benquerer que os amigos e admiradores têm por ele e o quanto ele, Geraldo, tem influenciado de maneira positiva os que o conhecem, e de modo mais íntimo, têm o prazer de desfrutar de sua convivência.

O Livro O Pequeno Príncipe, obra literária do escritor francês Antoine Saint-Exupéry, está bem apresentada numa adaptação poética com a releitura desse poeta que vai do popular ao erudito sem o menor esforço, mostrando-nos a beleza da história, tão conhecida por nós, mas que agora recebe nova roupagem. O princepizinho que habita um asteroide no espaço e nutre com uma raposa, muito astuta, o diálogo que marcaria para sempre o seu destino, é aqui retratado em versos, num teor infantojuvenil, que por certo, encantará também, aos adultos.

Fazer pensar é arte que não se define e o poeta Geraldo Amancio está sempre à frente do desvendar fronteiras, quando nos traz de presente essa obra encantadora.

Quando abandonamos a infância e adolescência, vamos, muitas vezes, perdendo as fantasias e nos chega Exupéry para dizer que não há tempo determinado de possui-las e nem de renunciá-las. Precisamos conservar em nós, essa "inocência" pueril e não perdermos o diálogo constante com nossos amigos "invisíveis". São eles que nos dão a sensação do descompromisso com o aparente "sofrimento" que a vida adulta nos impõe.

Esse livro vai marcar a todos, podem acreditar, pois está com a marca impressa desse homem, que eu considero um gênio da poesia popular do nosso país e além-fronteiras, chamado Geraldo Amancio. O leitor descobrirá um novo olhar para O Pequeno Príncipe, fazendo além das suas reflexões cotidianas, as ponderações necessárias para desvendar o novo sabor de viver.

Essas coisas da virtude humana têm herança atávica e as possuímos desde nossa origem familiar. Apoiar e animar a criatividade dos que trabalham com a palavra é território escolhido pelos diferenciados de Orfeu, por isso, são permanentes. O autor que resolveu fazer a diferença nesse mundo, tem nos mostrado que usar a palavra e bem empregá-la é ofício para ser aprendido e divulgado.

O leitor desse livro tem em mãos um precioso tesouro. Conduza-o sempre com os fios dourados e encantados da sensibilidade. Leiam e releiam. Não se cansem de sorver cada verso, cada palavra, cada intenção de chegar ao coração que o autor imprimiu nessa obra.

Geraldo Amancio foi dotado de uma inteligência superior, numa capacidade de apreensão que não medimos, porque não podemos, não nos cabe alcançar.

O livro está esplêndido, como um rio de água pura, onde todos encontram aconchego e calmaria, sopro de vida cristalino e a serenidade ponderada dos que são puros e bons.

Somos pessoas orgulhosas por conhecer a história de vida do poeta Geraldo Amancio e o agradecemos por compartilhar conosco todos os seus conhecimentos e a generosidade em nos permitir acompanhá-lo nesse crescente de talento e simplicidade.

Exupéry diz que: "Se tu vens, por exemplo, às quatro horas da tarde, desde às três eu começarei a ser feliz", então dizemos a ti, poeta, venha sempre sem aviso prévio e seremos feliz em encontrá-lo e ter uma boa prosa contigo.

Bebamos em sua fonte e aprendamos a nos encantar com o simples!

Rejane Costa Barros

Escritora e Revisora

Membro efetivo da União Brasileira de Trovadores secção Fortaleza-CE

Membro da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno

Sócia efetiva da Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil, Coordenadoria do Ceará

Membro da Academia Feminina de Letras do Ceará

Membro da Academia de Letras e Artes de Fortaleza

Membro da Academia de Letras e Artes do Ceará

Membro da Associação Cearense de Escritores

Membro do Centro Cultural do Ceará

Membro de Honra da Divine Acadèmie Française des Arts Lettres et Culture

Membro do Conselho Internacional dos Acadêmicos de Ciências, Letras e Artes/Seccional do Ceará

O Pequeno Príncipe

Todo e qualquer ser humano
Um dia já foi Criança,
Os momentos mais marcantes
Guarda sempre na lembrança.

Esta narração nasceu
De uma fábula francesa,
Cujo enredo é feito de,
Magia, encanto e beleza.

É preciso repensar
Este mundo atualmente,
E colocar tudo em ordem
No coração e na mente.

Se não vos tornardes crianças,
De almas brancas como véus,
Morrendo, não entrareis
No reino santo dos céus.

Só os pequeninos podem
De modos simplificantes,
Perceber com sutileza
Coisas grandes e importantes.

Nós enquanto atravessamos
Os desertos desta vida,
Nos tornamos bem melhores
Na jornada concluída.

Eu há seis anos estava
Pilotando um avião,
No motor houve uma pane
Me levando até o chão.

Desmaiei, mas acordei
Depois deste baque forte,
Foi aí que eu me senti
Entre a vida e entre a morte.

Os pés inchados da queda,
O sol me queimando a cara,
Eu reconheci que estava
No Deserto do Saara.

Me encontrava a muitas milhas
De toda terra habitada,
Dormi na areia e acordei
No final da madrugada.

Acordei com uma voz estranha,
Como quem pede e aconselha,
Dizendo: – me atenda e faça
Um desenho de uma ovelha.

Depois que esfreguei os olhos
E olhei atentamente,
Vi um garoto incomum
Bem em pé na minha frente.

Seus cabelos tremulavam
No sopro da ventania,
Brilhavam perante a luz
Que o sol da manhã trazia.

Respondi: – Eu não desenho!
Porém, por mais que eu disses
Ele não se conformava,
Insistia que eu fizesse.

Bati de mão à caneta
Num papel que me restou,
Desenhei duas figuras
Ele olhando não gostou.

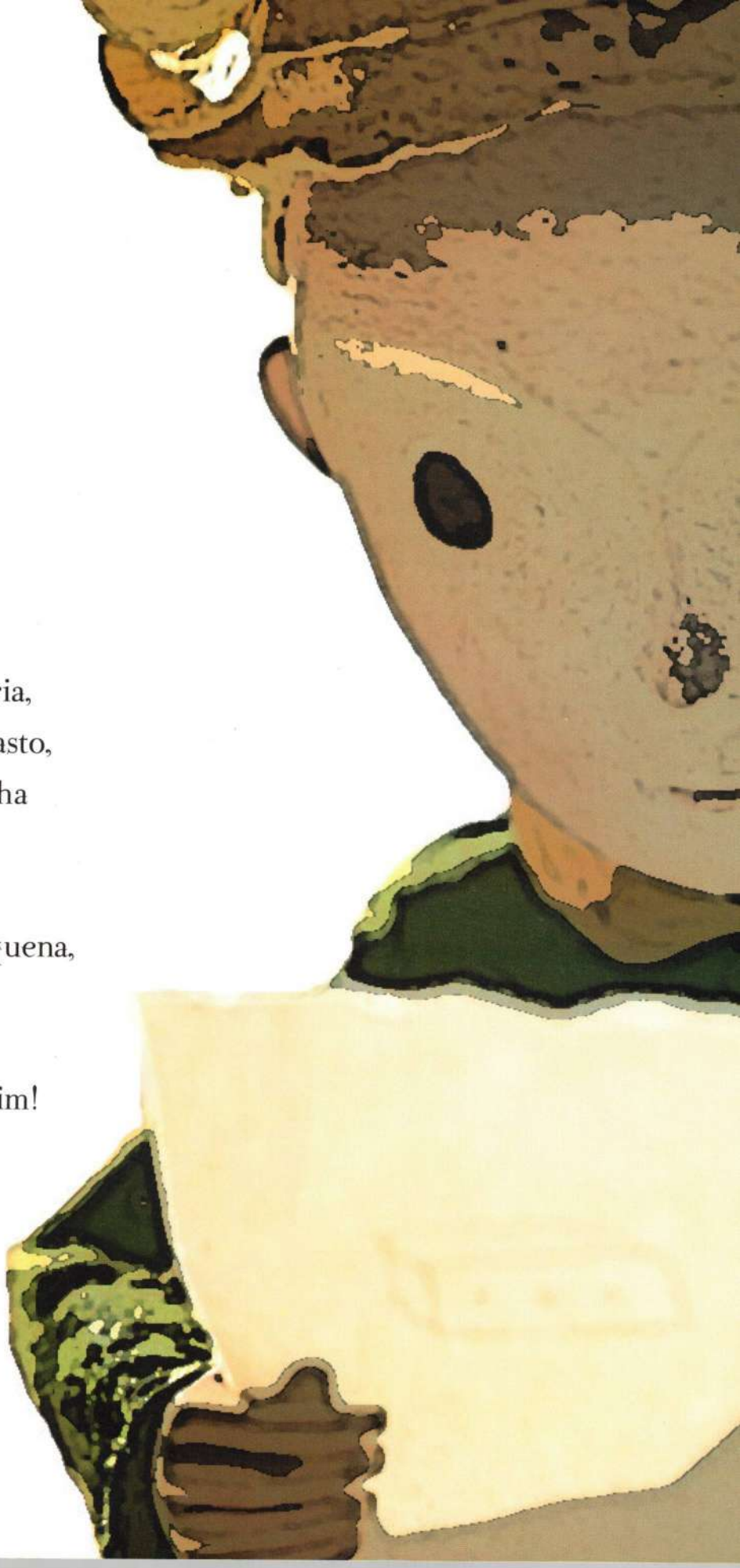
Disse: – Uma está muito magra
E a outra envelhecida,
Eu quero uma bem menor
Mais gorda e que tenha vida.

Uma caixa eu desenhei
E falei com a voz baixa,
A ovelha que você quer
Está dentro desta caixa.

Fiquei surpreso e feliz
Com aquele resultado,
Quando vi ele sorrindo
Com o rosto iluminado.

– Era assim que eu queria,
Mas meu campo não é vasto,
Você acha que esta ovelha
Precisa de muito pasto?

Eu lhe disse: – Ela é pequena,
Não come muito capim.
Ele apenas respondeu:
– Não é tão pequena assim!



Deitou-se e adormeceu,
Eu também adormeci,
Aquele Pequeno Príncipe
Foi assim que eu conheci.

Fazia muitas perguntas
Sem dizer de onde vinha,
E também não respondia
Nenhuma pergunta minha.

Quando viu o avião,
Perguntou: – Que coisa é essa?
– Isto não é uma coisa,
Lhe respondi bem depressa.

Este é o meu avião,
Ele se move, ele voa,
Se houver necessidade
Leva mais de uma pessoa.

Me olhava admirado
Com os gestos de um incréu,
– Então assim quer dizer
Que você caiu do céu?

Com ar de falsa modéstia
Eu lhe afirmei que sim,
Com olhar meio espantado
Ficou olhando pra mim.

Naquele instante exclamou:
– Ah!, como isto é engraçado.
Deu uma longa risada
Que me deixou irritado.

Resolvi lhe perguntar:
– Você vem do céu também?
Ou então de outro planeta,
De onde é que você vem?

Não respondeu, e olhando
O avião neste instante,
– Você num negócio deste
não pode vir de distante.

– De onde você vem garoto,
Diga qual o seu lugar,
E esta pequena ovelha
Para onde vai levar?

– O que me agrada é saber
Que quando a noite chegar,
Na caixa que você deu-me
É onde vou lhe guardar.

– Toda ovelha fica brava
Depois que cresce e engorda,
Para você amarrá-la
Eu lhe darei uma corda.

– Onde eu moro é tão pequeno,
A corda não vai servir,
Ela pode ficar solta,
Não tem para onde ir.

Eu soube assim que o planeta
Que o garoto era habitante,
Era menor que uma casa,
Pouca coisa ou semelhante.

São asteroides no espaço,
Da Terra pouco se vê,
Num deles morava o Príncipe,
Era o asteroide B.

Destes, o Pequeno Príncipe
Resolveu visitar seis,
Para conhecer de perto
Seus tamanhos e seus Reis.

No maior dos asteroides,
O Rei que ali residia,
Passava o seu tempo todo
Pesquisando Geografia.

Foi este quem disse ao Príncipe
Quer ver um lugar bonito?
Vá ver o planeta Terra,
É grande, é quase infinito.

Ouvindo aqueles conselhos
Da boca daquele mestre,
Resolveu vir conhecer
Parte da face terrestre.

Chega o Príncipe na África,
E o primeiro vivente
Que viu deitada na areia,
Foi uma grande serpente.

Perguntou: – Cadê os homens?
A serpente respondeu:
– Eles têm o lugar deles,
Este daqui é o meu.

Sempre fomos inimigos,
Os homens são muito maus,
Nós lhe matamos com dentes,
Eles nos matam com paus.

De repente uma raposa
Na areia aparecia,
Disse bom-dia e o príncipe,
Também respondeu: – Bom-dia!

– Quem é você e onde mora?
Fica longe ou fica perto?
Disse ela: – Sou uma raposa,
E moro aqui no deserto.

– Vamos brincar! Disse o Príncipe,
Ela com sagacidade,
Disse: – Eu só brinco com quem
Tenho laços de amizade.

– Mas se amizade fizermos
Bem sincera e não fingida,
Seremos de agora em diante
Irmãos em tudo na vida.

Pergunta o Príncipe: – E os homens?
Viu a raposa dizer,
"Esses quando não se matam,
Matam caças pra comer".

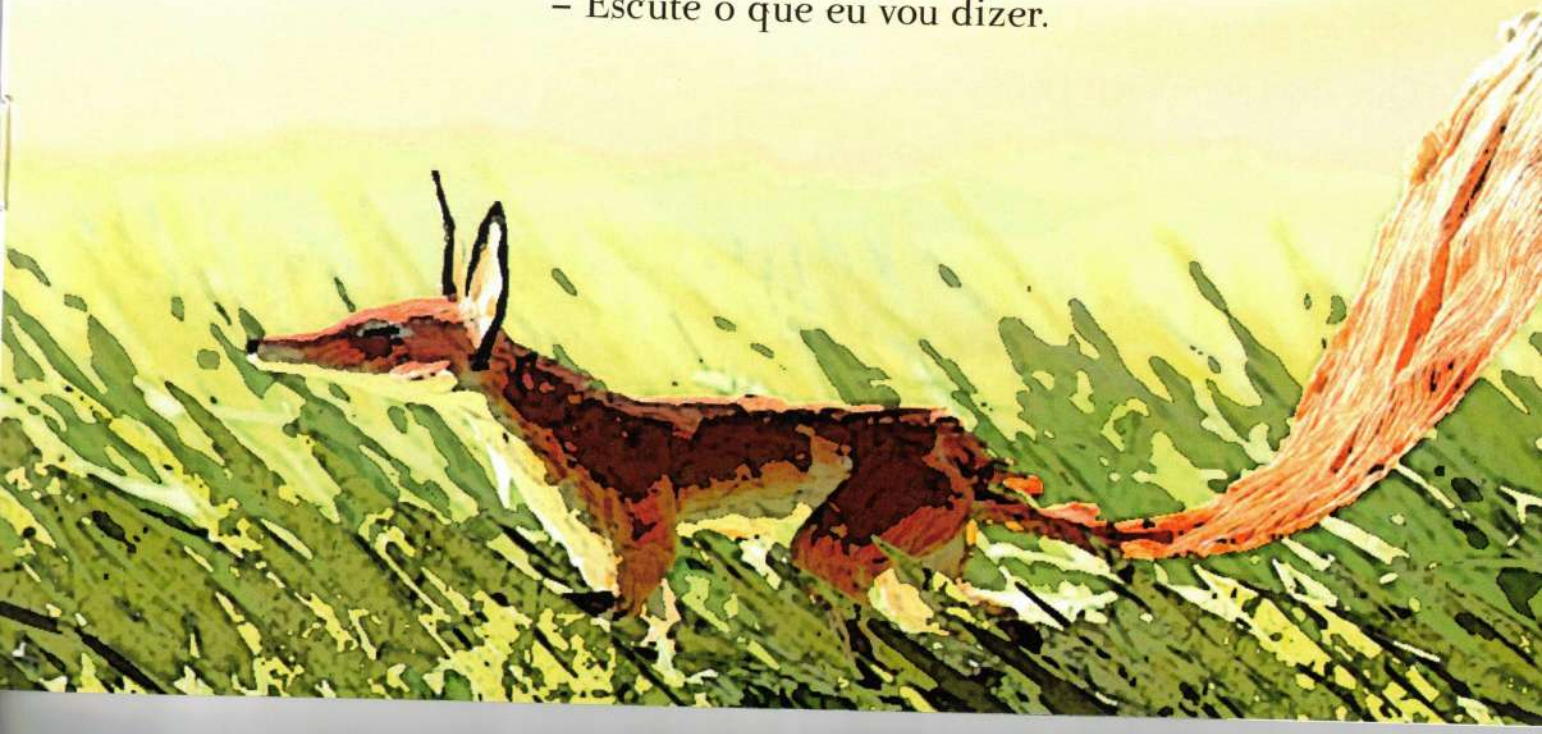
– Me procuram pra matar,
Me perseguem, me vigiam,
Porque eu só me alimento,
Das galinhas que eles criam.

– A minha intriga com eles
Vai cada dia aumentando,
Eu caço as galinhas deles
E eles vivem me caçando.

– Tudo que existe nas lojas
Os ricos compram com zelos,
Por não ter lojas de amigos
Os homens não podem tê-los.

– Quem vive a vida que eu vivo
Não pode dizer que vive!
Eu quero ser sua amiga,
Mas quero que me cative.

Pergunta o Pequeno Príncipe
– E o que eu devo fazer?
A raposa respondeu:
– Escute o que eu vou dizer.



Você sentará na relva,
O lugar eu mesmo escolho,
Eu sentarei afastada,
Olhando de rabo de olho.

Uma importante amizade
Entre os dois pode existir,
Até que o Pequeno Príncipe
Resolve um dia sair.

Andando viu muitas rosas,
Rosa Dália, Flor de Lis,
Aí lembrou-se da flor
Que deixou em seu país.

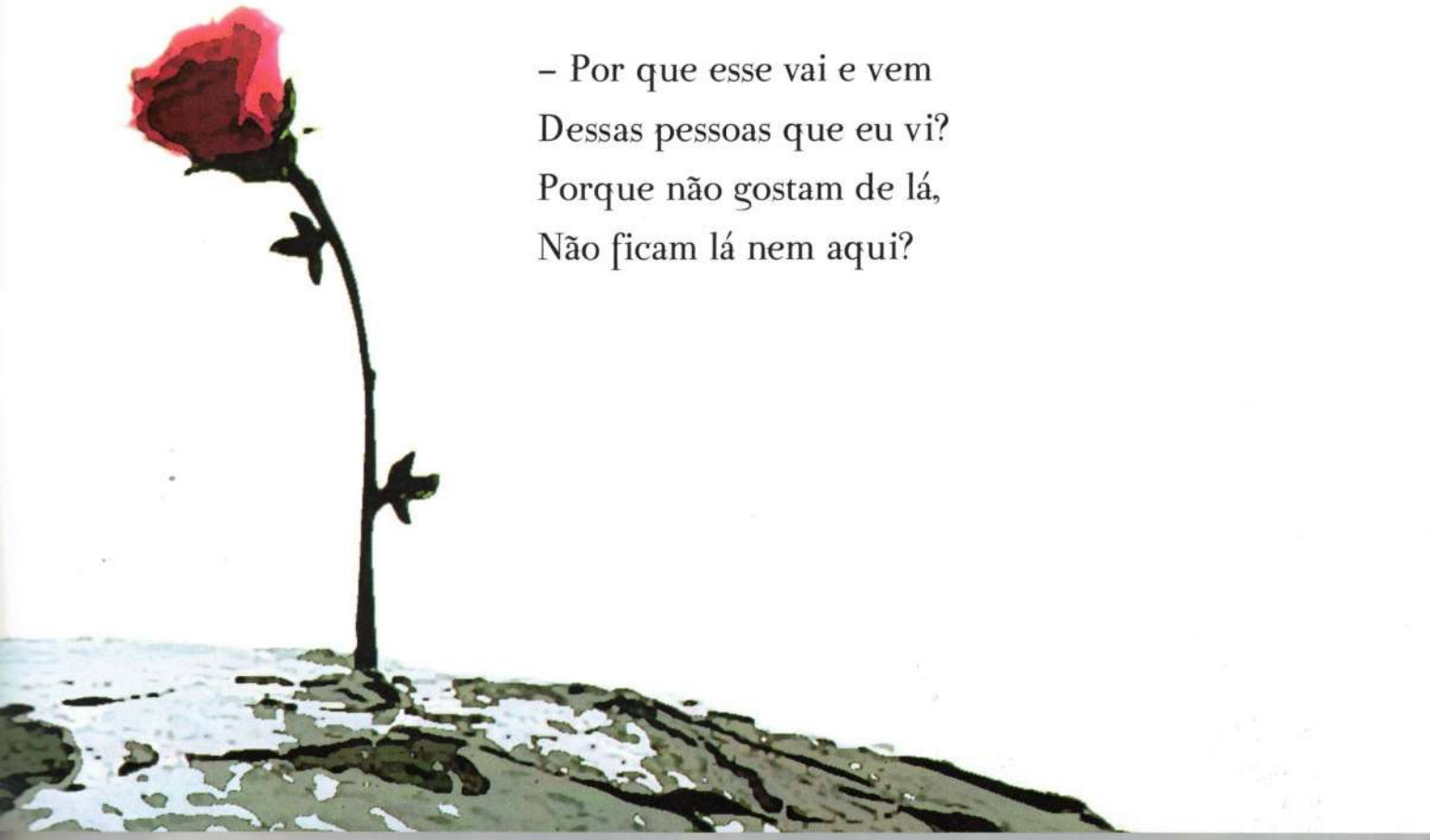
Comentou: – Como são belas!
Quase de encantos sem fim,
Mas eu gosto mais da flor
Que deixei no meu jardim.

Eu gosto da flor que águo
E a minha mão estruma,
Ela em retribuição
Toda manhã me perfuma.

Depois o Pequeno Príncipe
Encontrou um manobreiro,
Pergunta: – O que você faz
Neste canto o dia inteiro?

Respondeu o manobreiro:
– O meu trabalho é com trem,
Os trens que vêm e que vão,
Os trens que vão e que vêm.

– Por que esse vai e vem
Dessas pessoas que eu vi?
Porque não gostam de lá,
Não ficam lá nem aqui?



– Eu mesmo não sei dizer
Porque é que isto acontece,
Não queira entender os homens,
Senão você enlouquece.

Falou o Pequeno Príncipe:
– Você tem toda razão!
As crianças são mais sábias
Na minha avaliação.

– Elas não têm impaciênca
Do comportamento insano,
Sabem passar tempo até,
Com uma boneca de pano.

Seguindo o Pequeno Príncipe,
Encontrou um vendedor,
Dando bom-dia ao Príncipe:
– O que é que faz o senhor?

Disse: – Eu vivo desta banca
Aqui no pé da parede,
Sou um vendedor de pílulas
Feitas pra matar a sede.

– Quem tomar uma por dia
De tal forma se acostuma,
Que não sente mais vontade
De beber água nenhuma.

– E assim economiza
O tempo que está perdendo,
Para poder ganhar tempo,
Compra os produtos que eu vendo.

Voltou o Pequeno Príncipe
Da fantástica excursão,
E eu ainda não havia
Consertado o avião.

Falou-me sobre a raposa,
Contou sobre o manobreiro,
Era como se tivesse
Percorrido o mundo inteiro.

Lembrou do comerciante
E explicou onde mora,
O fabricante de pílula
Que faz a sede ir embora.

Quando ele falou em sede,
Eu fiquei preocupado,
Lembrei-me que a minha água
Há pouco tinha acabado.

Eu creio não existir,
Nenhuma fonte aqui perto,
E saímos procurando
Na vastidão do deserto.

Anoiteceu e as estrelas
Acendiam refletores,
Umas parecendo sinos
E outras botões de flores.

Exclama o Pequeno Príncipe
– Como as estrelas são belas!
Lá eu deixei uma flor
Perfumando uma daquelas.

Disse mais: - Desci do céu,
Vim à Terra visitar,
Já está fazendo um ano,
Já é hora de voltar.

– Eu já demorei bastante,
Cumpri a missão que eu tinha,
Eu estou sem minha flor,
Minha estrela está sozinha.

– Lá é o éden das luzes,
Nunca houve escuridão,
A pátria definitiva
Pra onde todos irão.

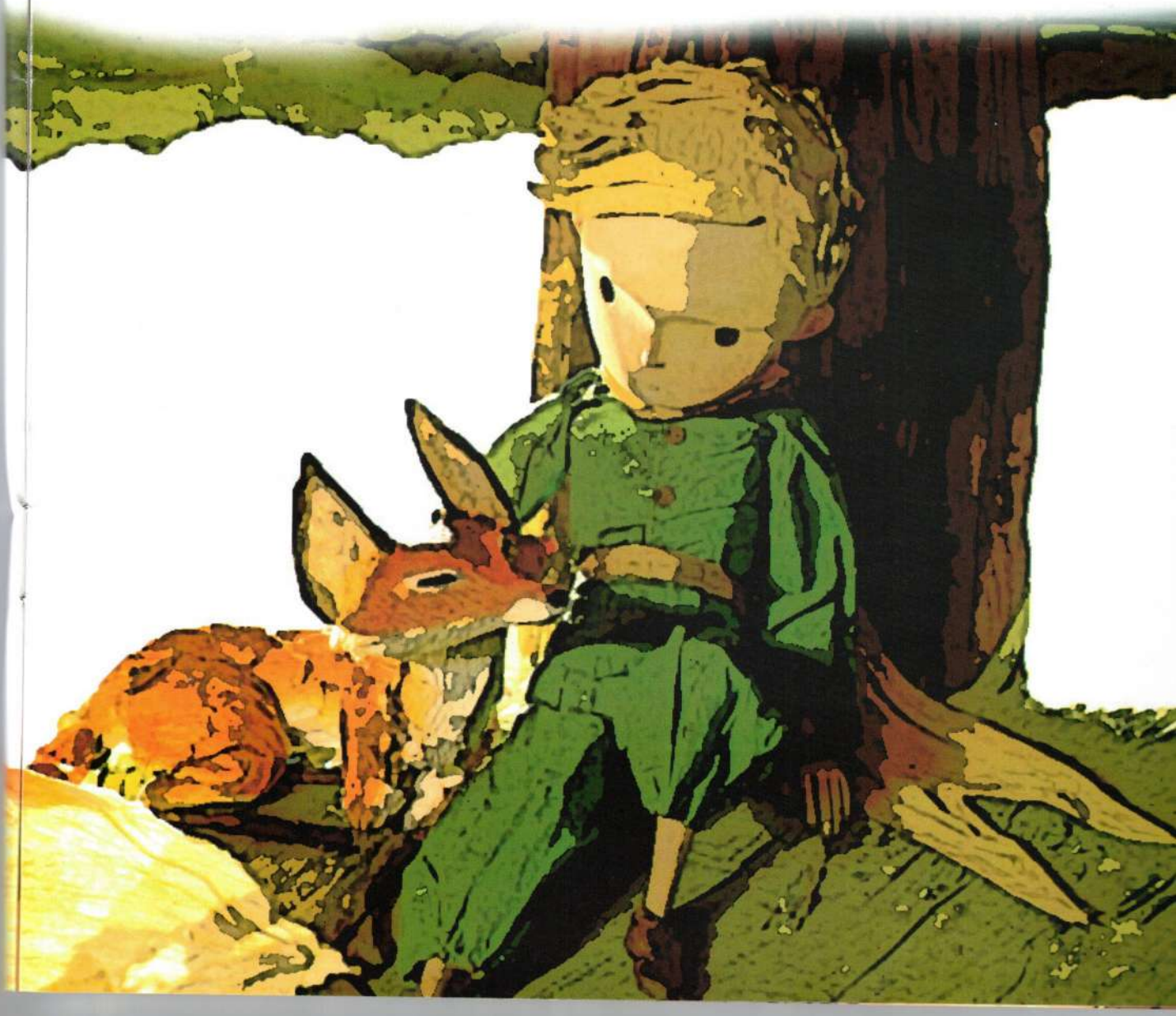
– O meu prazo se venceu
O tempo exige que eu vá,
O prazo da sua ida
O tempo definirá.

Quando eu mudar meu semblante,
É o sono que está vindo,
Eu vim pra Terra acordado,
Vou voltar pra o céu dormindo.

A raposa apareceu
Na hora da despedida,
Logo banhou-se de pranto,
Abalada e comovida.

Com soluço incontrolável,
Chorava de fazer dó,
Dizendo ao Pequeno Príncipe,
– Não vá, não me deixe só!

Neste momento uma estrela,
Junto dele se acendeu,
E ele subiu, subiu
Nunca mais apareceu.



Geraldo Amancio Pereira

Geraldo Amancio Pereira, poeta, repentista, escritor, palestrante e mestre da cultura (título reconhecido pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, com o Título de Notório Saber, a Academia reconhece os saberes, os fazeres e as artes dos mestres, que poderão, na prática, serem convidados por Universidades e outras Instituições de ensino para palestras e outras atividades), nasceu em 29 de abril de 1946 no Sítio Malhada de Areia, Cedro-CE. Conquistou mais de 150 primeiros lugares em festivais competitivos de cantoria, representando o Brasil em vários eventos de poesia popular no exterior, como no Museu de Etnologia em Lisboa, nas Ilhas Baleares-Espanha, em Viana do Castelo, Aveiro e Murtosa em Portugal.

Ministrou palestras nas Universidades de Coimbra, de Pernambuco e do Rio Grande do Norte, também na Academia Mineira de Letras e outras Instituições. Pesquisou cantoria na França, Itália, Israel e Palestina. É autor de vários livros, destacando-se:

1. A história de Antonio Conselheiro;
2. Lampião, Rei do Cangaço;
3. O Beato Zé Lourenço e o Caldeirão;
4. Aprenda a fazer versos;
5. Fideralina Augusto, a matriarca de ferro;
6. Duas antologias de cantoria de parceria com Wanderley Pereira, "De Repente Cantoria" e "Gênios da Cantoria".
7. Cem Dúvidas de Português, de parceria com o Dr. Marcos Mairton;
8. FestCordel, de parceria com o escritor português Antonio de Abreu Freire.

Possui vários cordéis publicados, com 18 (dezoito) CD's gravados.

Durante 19 anos, apresentou programas de viola, nas TV's de Fortaleza.

Promovente de mais de 100 Festivais de Cantoria. Formata Projetos para Festivais de Poesia.

Em 2017, foi homenageado pela XII Bienal Internacional do Livro, no Centro de Eventos do Ceará.

Participou de duas Bienais Internacionais do Livro em São Paulo.

Atualmente ministra aula em 3 (três) colégios da rede Estadual do Ceará.

Contatos do autor: E-MAIL: geraldoamanciopereira@yahoo.com.br

FONE: (85) 99948-7978 celular e WhatsApp.

1ª edição	Novembro de 2018
papel do miolo	Couche 115g/m²
papel da capa	Supremo 250g/m²
tipografia	ParmaPetit / Amarillo
gráfica	Premius Editora